

TESTE
2
AUDIO



THE
GRYPHON



AMPLIFICADOR INTEGRADO ATILLA E CD PLAYER SCORPIO

XX Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Meu último contato com um equipamento da empresa dinamarquesa Gryphon ocorreu em 2004, quando tive a oportunidade de ouvir por um final de semana o pré-amplificador Sonata / Allegro e o power estéreo Antileon Signature. Lembro-me ter sido uma das audições mais arrebatadoras que tive em minha antiga sala de audição.

Três anos antes, na edição do quinto aniversário da revista eu havia testado o amplificador integrado Callisto 2200, que também me causou ótima impressão, levando-me a escrever tratar-se do primeiro integrado realmente hi-end que a revista até aquele momento havia testado.

Diria que o Callisto 2200 foi o primeiro integrado que rompeu a hegemonia dos prés e powers, sinalizando que a partir daquele momento o consumidor audiófilo já tinha à disposição a possibilidade de montar um excelente sistema de ponta economizando em cabos de força e de interconexão.

O interessante é que na mesma semana em que recebi os novos Gryphons para teste, visitando a Audio Classic do Julio César, en-

contrei tocando um Callisto 2200 em conjunto com a Confidence 4. A beleza do som por muitas vezes me fez interromper a escolha de LPs e dedicar minha atenção inteiramente ao sistema.

Fundada em 1986 por Flemming Rasmussen, a Gryphon sempre teve como objetivo principal 'dar' ao ouvinte a sensação de estar dentro do acontecimento musical. Desde o nascimento a empresa se gaba de ter em seu quadro de funcionários os melhores e mais experientes engenheiros dinamarqueses, trabalhando com exclusividade em seus projetos. E com um time extremamente afiado, cada novo projeto é discutido à exaustão por todos.

Alguns critérios são utilizados há mais de 20 anos, tais como: construção dual mono em todos os produtos, fontes de alimentação de múltiplos estágios totalmente reguladas, circuitos de controles com fontes separadas (para isolamento de qualquer tipo de ruído digital e para evitar contaminação no caminho do sinal), placas de circuito impresso em ouro com espessura de 70 uM, zero de realimentação negativa, ausência total de materiais magnetizáveis (com exceção da blindagem magnética do transformador) e chassi ►

espesso de material antirressonante para a eliminação de vibrações internas e externas.

Outro diferencial que a Gryphon gosta de citar em todos os manuais é que seus produtos possuem o caminho do terra projetado para fornecer a melhor performance sônica sem perda de estabilidade. Já a distribuição dos componentes nas placas é feita visando obter sempre o menor caminho do sinal (a empresa mantém em seu laboratório um programa de simulação de montagem de placas com infinitas possibilidades).

Mas, em minha opinião, o grande e mais importante diferencial da Gryphon em relação aos concorrentes encontra-se na coleção de mais de mil fitas masters de gravação, feitas entre 1959 e 1976, cobrindo diversos gêneros musicais, as quais a empresa se comprometeu junto às gravadoras em jamais utilizá-las fora do laboratório. São com essas fitas masters que os engenheiros da Gryphon realizam o ajuste fino de todos os seus produtos antes de colocá-los no mercado.



Eu confesso que adoraria ao menos saber quais são as masters mais utilizadas no ajuste final de cada produto, pois certamente aí reside parte da explicação para a assinatura sônica de todos os produtos da Gryphon. Lembro-me que em uma das últimas visitas do Sr. van den Hul, eu perguntei-lhe que eletrônica ele admirava e teria em sua residência. Sem titubear, ele citou a Gryphon.

Esta mesma observação obtive em minha última visita à Europa, quando conversando com alguns lojistas e jornalistas, dois nomes foram praticamente unanimidade: Gryphon e Goldmund! Os pontos mais citados por todos eram justamente o design dos produtos desses dois fabricantes, a qualidade, o primor da construção e, claro, sua performance sônica.

O Scorpio e o Atilla foram lançados no ano passado e conseguiram em apenas um ano angariar uma série de testes muito positivos. O que de cara chama a atenção é a beleza dos produtos, seu design que mistura modernidade com sobriedade e a qualidade do acabamento. Tem-se a impressão de serem produtos para se utilizar por décadas!

Ao retirar o CD player Scorpio da embalagem e instalá-lo no rack, você fica se perguntando: Aonde estará a gaveta? Somente depois de ligado na rede elétrica é que se descobre que a gaveta se encontra entre os pés, abaixo do painel.

Outro detalhe que impressiona é que com um simples toque no painel de acrílico você tem todos os comandos à sua disposição. No painel traseiro, o player só possui uma saída XLR (balanceada) e outra saída digital S/PDIF.

O amplificador integrado Atilla, com seus 20 kg, além de imponente, também possui um painel sensível ao toque. Em suas costas encontramos cinco entradas RCA e uma entrada XLR.

Os controles remotos individuais possuem um desenho ergonômico diferente, e confesso que não me dei bem com eles nas primeiras tentativas, pois confundia o do player com o do integrado. Também achei estranho no controle remoto do player não haver a possibilidade de acessar as faixas diretamente, necessitando ir pulando faixa por faixa (em discos de até dez faixas não vejo problema, já que o acionamento, além de preciso é rápido, mas imagine, por exemplo, o trabalho ao escutar um CD com 54 faixas como o de Timbres!). Acho que os engenheiros da Gryphon poderiam lançar um único controle para acionar o player e o integrado. Isso facilitaria e muito a vida do usuário.

Para o teste recebemos os produtos inteiramente amaciados, o que possibilitou a entrada imediata dos equipamentos em nossa sala de audição. Eles foram ligados aos cabos de força da Transparent Audio, modelo Power Link MM 2, e posteriormente o player também foi testado com o cabo de força Millenium III, da Logical Cables. Os cabos de interligação XLR foram o Jubille da van den Hul e o Opus MM 2 da Transparent Audio.

As caixas utilizadas foram: Dynaudio Temptation, ELAC 310, Neat Motive 2, Motive 2 SE e Tannoy DC-6. Cabos de caixa: Transparent Audio Reference XL MM 2, Logical Cables Special Edition, Acoustic Zen Satori e Sunrise Lab The Illusion.

Quando você estiver lendo este teste, o Hi-End Show já terá ocorrido (esta edição foi feita praticamente com um mês de antecedência do evento), e espero sinceramente que tenha participado do evento e escutado com grande atenção este sistema. Pois assim poderá ter uma ideia mais exata do quanto ele me seduziu e conquistou.



Como da primeira vez que ouvi o Callisto 2200, novamente fiquei completamente rendido às suas inúmeras qualidades. A começar pela facilidade com que o sistema toca qualquer gênero musical, assim como sua total compatibilidade com todos os cabos de interconexão, caixa e também com todas as caixas utilizadas no teste. ►

Tirando a Temptation, uma caixa com 90 dB de sensibilidade, todas as demais estão entre 85 e 87 dB. Ainda assim o Atila não teve a menor dificuldade em tocá-las com uma autoridade estonteante!

Ter no mesmo pacote versatilidade, compatibilidade e total sinergia é tudo que se pode querer de melhor em um sistema hi-end. O grau de refinamento, transparência e musicalidade é genuinamente o de um sistema Diamante top de linha.



Em princípio até cheguei a cogitar avaliar os produtos em conjunto, para depois separá-los, tentando descobrir quem carregava quem, porém, à medida em que fui ouvindo o conjunto e avaliando sua performance, acabei por desistir completamente da ideia. Pensei que aquilo que todo audiófilo mais deseja é montar um sistema o mais sinérgico possível. E, se trabalhando em conjunto eles se mostraram perfeitos, por qual razão haveria de separá-los?

Assim, amigo leitor, se eu convencê-lo, lembre-se de que o ideal será tê-los juntos, ainda que no primeiro momento você tenha que escolher entre um ou outro. Ter apenas um deles será um erro que eu não cometeria, pois todas as qualidades que aqui retratei foram fruto da soma das partes.

Depois de tantos anos avaliando produtos, ainda me surpreendo com o equilíbrio tonal de alguns equipamentos. A impressão auditiva que fica depois de apenas algumas horas é que o prazer foi muito mais intenso que o dever de avaliar. Ou seja, realizo minhas anotações iniciais, mas o tempo mergulhado na música acaba sendo muito maior. Quando me deparo com essa situação, sinto que buscar o equilíbrio entre ser apenas ouvinte e articulista irá exigir um grande esforço. O único lado positivo desta situação é que sei que estou perante um produto diferenciado e que, apesar deste esforço, o resultado será extremamente gratificante.

O sistema Gryphon possui aquele componente mágico de uma assinatura tonal correta, mas com um leve toque de sedução, sem, no entanto, chegar a ser meloso. Os extremos são extensos e corretíssimos tanto em precisão, como velocidade e naturalidade. Ainda que as gravações pequem por um certo brilho a mais, os Gryphons tornam a audição sempre atraente.

Mas o ponto alto certamente encontra-se na região média, pelo grau de refinamento, transparência e naturalidade. A sensação vigente é que ainda que em gravações complexas com enorme quantidade de informação concentrada nesta região, o conforto auditivo será sempre mantido.

Isso colabora para audições muito mais longas e sempre com um volume mais próximo do que foi utilizado na gravação e na mi-

xagem. Este tipo de reprodução só ocorre nos produtos que realmente possuem um equilíbrio tonal de altíssimo nível, pois quando o equilíbrio não se encontra neste patamar, precisamos estar o tempo todo com o controle remoto na mão para reajustar o volume (normalmente para baixo).

A precisão do foco, recorte, planos e ambiência deste conjunto foi surpreendente, tanto na reprodução de grandes obras sinfônicas como na de pequenos grupos. Você consegue não só identificar cada instrumento em sua real posição, como perceber em que plano ele se encontra na orquestra.

Eu sempre escrevo que quanto melhor for o equilíbrio tonal, melhor também será a reprodução das texturas. Você percebe sem o menor esforço auditivo todas as nuances harmônicas, tanto na dificuldade técnica do arranjo como na execução musical dos instrumentistas.

Gosto muito de ouvir várias gravações de Duke Ellington para a avaliação de texturas, sendo que dois discos que utilizo muito são: Suites e Jazz Party, pois os arranjos para as cordas e instrumentos de sopro são verdadeiras obras-primas, e quando o produto em teste possui pedigree suficiente, se reconhece cada instrumento, mesmo que estejam soando com outros em uníssono! E nestas ocasiões torna-se um deleite auditivo atravessar as madrugadas ouvindo essas gravações.

Em relação aos transientes, achei que o sistema se comportou melhor quando alimentado pelos cabos de força da Transparent, o Power Link MM 2 (e não acho nenhum disparate em termos de orçamento investir nesses cabos para se extrair todo o potencial dos Gryphons). Com eles a precisão de tempo e ritmo foi superior ao obtido com o uso dos outros cabos. Acredito que nenhum consumidor disposto a comprar um sistema desse porte irá se recusar a tomar todas as providências para se extrair o último sumo do conjunto.



Claro que a microdinâmica do conjunto foi superior à macrodinâmica, mas não pensem que o Atila não consegue dar conta do recado. Com a caixa Temptation e seus 90 dB de sensibilidade, a reprodução foi impecável! Ou seja, o amante de música sinfônica ou de big bands só deverá tomar cuidado na escolha das caixas, buscando optar por uma de sensibilidade acima de 89 dB. Tomado este cuidado, não vejo como o consumidor recluir da capacidade de reprodução de macrodinâmica do Atila. ▶

O corpo harmônico e a organicidade foram outra grata surpresa. Em gravações de alto nível, houve sensação de materialização do acontecimento musical de forma absolutamente palpável!

Em termos de musicalidade, o conjunto da Gryphon é convincente e cativante. Só costumo escrever isso para aqueles produtos que conseguem propiciar o mesmo prazer ao ouvir não apenas gravações de boa qualidade técnica, mas também àquelas mais limitadas, mas de grande valor artístico. E, neste quesito, os Gryphons são uma referência!

CONCLUSÃO

Ainda que não custe pouco e esteja acima da realidade da maioria dos audiófilos brasileiros, o conjunto da Gryphon pode e deve servir de referência para aqueles que ainda duvidam que amplificadores integrados possam substituir sem perda alguma prês e powers.

A evolução dos integrados tops é tão sólida que costumo dizer categoricamente que para se ouvir música de verdade e com prazer absoluto não é mais necessário investir em prês e powers. A economia com um cabo de força e um cabo top de interconexão pode ser utilizada na melhora da elétrica ou acústica da sala, ajudando a obter um resultado ainda mais exuberante.

Se você pensa em gastar algo na faixa de 70 mil reais para uma nova eletrônica, ouça meu conselho: escute esta nova geração de integrados e players da qual o conjunto Gryphon faz parte (com todos os méritos) e descubra o prazer musical que se pode extrair deles. ■



ESPECIFICAÇÕES - SCORPIO	Dimensões (L x A x P)	135 x 480 x 417 mm
	Peso	9,6 kg
	Nível de distorção harmônica	< 0,1%
	Relação sinal / ruído	Superior a 107 dB
	Conversor	32 bits / 192 kHz

ESPECIFICAÇÕES - ATILLA	Dimensões (L x A x P)	135 x 480 x 420 mm
	Peso	20 kg
	Nível de distorção harmônica	< 0,1%, com potência de saída em 200 W
	Relação sinal / ruído	Superior a 88 dB
	Ganho	38 dB
	Potência de saída	2 x 100 W RMS @ 8 ohms, 2 x 200W RMS @ 4 ohms

AMPLIFICADOR INTEGRADO ATILLA E CD PLAYER SCORPIO	
Equilíbrio Tonal	10,0
Palco Sonoro	10,0
Textura	10,0
Transientes	10,0
Dinâmica	9,5
Corpo Harmônico	10,0
Organicidade	10,0
Musicalidade	10,5
Total	80,0

VOCAL	██
ROCK . POP	██
JAZZ . BLUES	██
MÚSICA DE CÂMARA	██
SINFÔNICA	███████████████████████████████████████

Aquarela Audio Design
(21) 2508.5544
Amplificador integrado Atilla: R\$ 33.276
CD player Scorpio: R\$ 34.663

